

JOVENS E DST/AIDS: COMPREENSÕES DE MITOS NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Silva Cantarelli
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto
FAMERP - SP

INTRODUÇÃO

Jovens iniciam as relações sexuais cada vez mais cedo e com um aumento do número de parceiros, o que contribui para o aumento da ocorrência de DST/AIDS. Segundo a observação de dados de pesquisa do Ministério da Saúde, (BRASIL, 2001) revela-se que na juventude o uso do preservativo é baixo e a atividade sexual geralmente não é programada. No entanto os mais baixos índices de uso se encontram entre 15 e 19 anos.

Estes estudos ainda nos revelam que apenas um terço, ou até menos usam preservativo sempre.

Para alguns, sexo mais seguro se restringirá a recomendação de uso da camisinha; para outros, como a igreja católica, o uso da camisinha será motivo de desconfiança e até condenado. Para outro ainda, sexo seguro será a interdição de quaisquer trocas de fluidos corporais, como saliva, suor, quaisquer contatos com esperma ou secreção vaginal. Existem aqueles para que sexo mais seguro será abstinência total, e a relação monogâmica e a fidelidade serão garantias contra o vírus. E existirão aqueles que nunca se considerarão em risco, e por mais que recebam informações, não mudarão seu comportamento (TERTO JR *apud* PAIVA, 2000, p.178)¹.

De acordo com a citação acima se entende que há pluralidades em torno da sexualidade, visto que cada pessoa tem uma história de vida que proporcionou a cada qual uma maneira peculiar de se comportar diante da sexualidade, além do que ela é vivenciada de diversas formas de acordo com as orientações que cada um recebeu; modelos geracionais que são passados de pai para filho; crenças e mitos que acabam fazendo parte do desenvolvimento da sexualidade de cada ser humano.

¹ TERTO JR, Vereano. Sexo seguro. In: PAIVA, V. & ALONSO, L. **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 1992

A sexualidade humana é uma construção social e histórica que se dá segundo padrões e injunções sociais, culturais e políticas; além de ser um elemento fundamental da condição humana, deve ter suas diferentes expressões consideradas a luz da cultura dos direitos humanos. A todo cidadão deve ser assegurado o direito ao livre exercício de sua sexualidade. O exercício da sexualidade tem a iniciação sexual como fato social de importância individual e coletiva, ganhando dimensões variadas nos contextos históricos e culturais. (DONINI & ADRIÃO, 2007).

Em média a iniciação sexual dos brasileiros está em torno de 15 anos de idade, portanto é imprescindível dar ênfase às ações de prevenção e promoção à saúde direcionadas à população adolescente e jovem e ao enfrentamento da vulnerabilidade à infecção pelo HIV. No Brasil, foram registrados 69.219 casos da AIDS entre jovens menores de 24 anos. Isso representa 15,98 % dos casos notificados de AIDS no país, desde o início da epidemia (BRASIL, 2001 *apud* TRINDADE E BRUNS, 2003)².

Na população entre 13 e 24 anos, a via sanguínea responde por 26,14% dos casos notificados de AIDS.

Como o tempo de latência da doença é longo, conclui-se que o número de casos é bem maior, visto que o vírus pode ficar sem se manifestar por até onze anos. No entanto, verifica-se que muitos dos casos manifestados foram contraídos durante a adolescência. Ressalta-se ainda que esses números referem-se apenas aos casos notificados da doença não abrangendo o número de portadores do vírus.

O jovem vive hoje em uma sociedade pautada no consumismo, o que influencia toda a configuração das relações interpessoais, que se caracteriza pela busca intensa de prazer, do fugaz, do efêmero.

Este mundo, no qual no qual os jovens estão inseridos, considerado pós-moderno acaba, por muitas vezes, incentivando os adultos e principalmente os jovens, na busca pela satisfação dos desejos de modo rápido, sem reflexão e, na maioria das vezes, sem responsabilidades, (TRINDADE & BRUNS, 2003).

² TRINDADE E BRUNS. BRASIL. **Boletim Epidemiológico AIDS**. Abril a junho de 2001. <http://www.aids.gov.br>

Com isto, os jovens acabam se tornando vulneráveis a DST/AIDS e isto faz com que os mesmos se encontrem num momento de grandes dificuldades e confusões.

Por vulnerabilidade entende-se que:

[...] não a distorção daqueles que têm alguma chance de se expor a aids, mas sim ao fornecimento de elementos para avaliar objetivamente as diferentes chances que todo e qualquer indivíduo tem de se contaminar, dado o conjunto formado por certas características individuais e sociais de seu cotidiano, julgadas relevantes para a maior exposição ou menos chance de proteção diante do problema (AYRES, 2001, p.18)

A vulnerabilidade a DST/AIDS é considerada individual e coletiva. Isto significa que é importante criar um espaço que defende a diminuição decorrente da expansão da epidemia e que depende da disseminação de informações corretas e da possibilidade dos indivíduos nelas se reconhecerem usando-as para sua proteção, mas que isso não acontece independentemente das culturas, do contexto social e político de cada país, e dos programas de saúde, desenvolvimento e educação.

Portanto, o presente trabalho visa estar verificando qual o simbolismo que os jovens atribuem a DST/AIDS? Como é possível haver des-construções de preconceitos, mitos e estigmas que dificultam os jovens a perceberem sua vulnerabilidade frente ao HIV ou mesmo absorver informações sobre como se proteger.

Como se pode instrumentalizá-los para que haja mudanças significativas no decorrer de suas vidas de modo a propiciar discussões para que possa haver identificações com opções saudáveis para si próprios e para seus parceiros dentre práticas sexuais seguras para evitar a DST/AIDS?

ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período de transição entre a infância e a fase adulta, este conceito surge por volta do século XVIII, baseado em conceitos com base na transformação das famílias, devido ao crescimento da classe burguesa. Entretanto, com estas modificações há uma preocupação maior voltada para o indivíduo e com isto acontece o surgimento das escolas; o de locais prioritários para o desenvolvimento da

educação além de espaços voltados para o preparo de futuros cidadãos. (ARIÈS, 1981; REIS & ZIONI, 1993)^{3 4}.

Este período é marcado por inúmeras modificações na vida dos adolescentes, modificações consideradas psicológicas, físicas, sociais, sexuais, transformações corporais que por muitas vezes fica difícil de delimitar até quando acontece, período abrangido pela adolescência. O adolescente se encontra num processo de construção e consolidação da identidade (ERIKSON, 1971)⁵.

Durante a infância a criança age de acordo com os modelos dos pais ou pessoas de dentro do âmbito familiar com as quais convivem. Já no início da adolescência há vários conceitos que são desvalorizados porque acontece uma renúncia dos pais da infância ou de pessoas com as quais conviveram para então aceitar o social o convívio e a moral social pregado pelos amigos, escola, religião, dentre outros. Contudo, com a ocorrência destas modificações dolorosas, há também a perda do corpo de criança e a busca pela aceitação do novo corpo com a entrada na adolescência. Entretanto, observamos que este é um período conturbado de muitas perdas e renúncias que o adolescente se depara. Portanto, o jovem vai percebendo que não é mais uma criança e, no entanto, seus pais não são mais pais de uma criança, mas de uma pessoa que está se transformando em adulto, implicando em diversas modificações relacionais na família.

O adolescente passa por uma fase de transição caracterizada por momentos que o aproxima no mundo adulto e por outros que o ligam, ainda ao mundo infantil. Acresce a isso a ambigüidade com que a sociedade lida com o adolescente, ora havendo tarefas para os quais ele é considerado adulto, como votar, por exemplo, e outras para as quais é considerado criança, como é o caso do exercício da sexualidade (TRINDADE, 1998, p.26).

TRAJETÓRIA HISTÓRICO-CULTURAL

Quando pensamos em sexo e sexualidade nos dias de hoje, adquirimos informações

⁵ ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

das mais variáveis possíveis.

Segundo Foucault (1988) em sua obra “A História da Sexualidade”, vem dizer que as informações que foram passadas em décadas passadas, divergem de modo significativo em sua forma e conteúdo. De acordo com outras maneiras de informações, mostra a estimulação do erotismo, no qual se fica com a impressão de que aos jovens tudo é permitido e conseqüentemente acredita-se que nada é desconhecido em sua sexualidade.

No entanto, é considerada uma impressão errônea, pois tudo que é informado sobre a sexualidade, apresenta formas e tons variados, que indica um percurso não linear quando se pensa em uma sexualidade a ser desvendada.

Assim a sexualidade depende “[...] de uma construção efetivada nos encontros e desencontros vividos no cotidiano de todos nós” (BOARINI, 2004, p.185).

Esta citação abre caminhos para se refletir a sexualidade historicamente construída. Quando se pensa numa história da sexualidade pode-se remeter a Foucault (1988) e Ussel (1980) que vem trazer informações de que no século XVII, ainda vigorava uma veracidade sexual em que as práticas não eram veladas, escondidas ou até mesmo tida como segredo, pois no universo infantil havia brincadeiras sexuais e as crianças eram estimuladas a este tipo de brincadeiras. Com o advento da família burguesa no século XVIII e XIX, na Inglaterra e na França, é que foi preservado o lugar de destaque e especial, da criança. Acontecem transformações na família e na escola uma vez que a burguesia imperou para que houvesse a reparação propriamente dita. Agora a família se direciona para dentro de casa, acontece a separação dos cômodos da casa, pois antes tudo era compartilhado com os adultos inclusive festas e orgias. A criança participa desta nova divisão e agora ela é vista através de outro prisma, pois a família a vê de modo a participar, “educando-a”, para que então não fosse corrompida pela sociedade libertina.

A família burguesa acaba introduzindo a necessidade de se postergar a satisfação sexual, visto que

[...] à família a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e

procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, do segredo [...] (FOUCAULT, 1988, pp.9-10).

De acordo com os dizeres de Foucault, acontece então esta repressão sexual, no qual se permeia um problema que comanda as relações sócias instaladas.

Com toda esta trajetória da repressão sexual, percebe-se que ainda hoje se encontram resquícios de repressões na sociedade, pois a mesma atende ao momento histórico-cultural a que está submetida.

Hoje a sexualidade está sofrendo múltiplas modificações, talvez seja uma das áreas de comportamento em que está sofrendo as maiores transformações.

Algumas mudanças são visíveis outras não, isto ocorre de acordo com o padrão cultural de cada momento histórico, visto que o comportamento sexual é moldado pela sociedade. Quando se recebe orientações a respeito da sexualidade, não se pode deixar de lado toda herança cultural que se recebe dos pais, além de ter de pensar que o que era atribuído de significados a sexualidade anteriormente, ou seja, numa época divergente desta, hoje pode não o ser (BRAGA & YASLLE, 2006).

A orientação sexual vem-se constituindo em assunto de pauta de discussões internacionais, como no caso da Conferência Internacional sobre população e desenvolvimento, realizada em 1994, na cidade do Cairo no Egito, que contou com 175 representantes de países do mundo todo. Uma das causas para que houvesse a Conferência foi que.

[...] 50% das novas infecções pelo HIV no mundo estão ocorrendo em pessoas de 10 a 24 anos. A cada minuto, cinco jovens se contaminam com o HIV, o que representa um total de sete mil contágios diários e mais de 2,6 milhões ao ano. (Dossiê Adolescentes, 2002)⁶

A partir da citação verifica-se que as orientações acerca da sexualidade através dos meios de comunicação não apenas com o propósito de provocar discussões, mas sim informar assuntos relacionados à sexualidade, não tem atingido de maneira eficaz uma lógica pautada na prevenção.

⁶ Dossiê Adolescentes. Panorama sobre a saúde sexual e reprodutiva dos/as adolescentes. Disponível em: www.redesaude.org.br/dossies/html/dossieadolescentes.html (Acesso em 01/07/2008).

Atualmente os jovens apresentam medos de talvez virem suas ligações amorosas descobertas, ou não conseguem criar um espaço de diálogo com os pais e companheiros, todas estas questões dificultam o seu acesso de modo transparente ao universo da sexualidade. Segundo pesquisa efetuada no Hospital Pérola Byington em São Paulo, pelo professor Pinnoti, revela que dados obtidos através de pesquisas sobre os hábitos de prevenção de adolescentes gestantes e constatou que 90% dos jovens conheciam os métodos anticoncepcionais e que, no entanto somente 30% se valiam de alguma proteção (DIMENSTEIN & LAMBERT, 1998 citado por BRUNS e SANTOS, 2000 p.38)⁷.

Com tais manifestações observa-se que os jovens, não estão encontrando espaços para exporem seus conflitos, medos, angústias e por não saberem a quem recorrer, acabam trocando informações com os próprios colegas que não estão “instruídos”, assim como eles. Entretanto, eles acabam permanecendo com diversas indagações sem chegar a nenhuma conclusão, ou às vezes até têm alguma conclusão, porém esta não acontece de maneira saudável. Portanto, o exercício de sua sexualidade acaba acontecendo de modo fragmentado.

Com isto, acontecem consequências inesperadas, não planejadas como o drama de doenças sexualmente transmissíveis tal como AIDS e ou até mesmo gestações precoces.

A AIDS tem se alastrado e com isto atingido grande número de vítimas adolescentes. Neste sentido faz-se necessário falar da AIDS inserida em campanhas na mídia, com o intuito de amenizar o seu avanço e disseminação, que somente falar sobre AIDS, não têm sido suficiente para suprir as necessidades vistas pelos jovens, uma vez que os mesmos adquirem as informações a respeito da prevenção, porém não consegue introjetá-las e colocá-las em prática, como acontece com o uso do preservativo.

Em geral, as campanhas colocam o sexo como algo nefasto, sem aludir aos aspectos positivos do uso da camisinha, como a segurança, o

⁷ DIMENSTEIN, G. & LAMBERT, P. Sexo, aborto e aids explodem entre jovens. **Folha de São Paulo**. Caderno Cotidiano. 3/5/1998. cad. 3 p. 1.

respeito pelo (a) parceiro (a), a questão de saúde e bem-estar físico e mental. Reforça-se o perigo que o sexo traz, sem apontar as razões que o tornam perigoso. (BRUNS E SANTOS, 2000, p.42).

Sabe-se que as campanhas de prevenção de Doença Sexualmente Transmissível/AIDS precisam ter o papel repensado pelo fato de que a maneira de como estão sendo realizados os movimentos, não levam o adolescente a refletir a sua própria sexualidade e até mesmo de pensar formas de se prevenir contra tais doenças, sobre cuidados que deve ter consigo mesmo e com os outros e estes aspectos contribuem para a não valorização da afetividade, sobretudo o emocional.

Conforme esta realidade em que se está inserido na qual a transmissão do vírus HIV tem se proliferado, pretendem-se criar mecanismos de enfrentamento à propagação do vírus, com a tentativa de diminuir o número de contaminações através de orientações sexuais, não apenas restritas a informações e sim com práticas saudáveis que possam trabalhar e repensar aspectos sobre a formação do adolescente.

Todavia, pensar conceitos, significados e atributos que os adolescentes criam em torno das Doenças Sexualmente Transmissíveis especificamente sobre a AIDS, tem-se de retratar a AIDS a partir de configurações, ou seja, a partir de uma “epidemia de significados”, em torno de medos, preconceitos, crenças, tabus, mitos, que revelam grande valor simbólico, visto que há uma associação à sujeira, marginalidade e perversão, e isto está arraigado no imaginário das pessoas, pelo impacto causado pela evolução da epidemia no país.

Estes fatores foram acoplados a crenças em torno da promiscuidade, que as pessoas em geral acreditam que a transmissão do vírus está muito longe de acontecer com ela.

De acordo com este conjunto de representações que se encontram cristalizadas, percebe-se que o modo como as pessoas e o adolescente em si foram orientados e a percepção que eles têm frente ao risco e a vulnerabilidade ao vírus faz parte de uma cultura, construída socialmente, e este parece ser um dos maiores impedimentos para

que haja uma interiorização de ações e comportamentos saudáveis (RIBEIRO e CARRADORE, 2006).

O aprendizado da sexualidade parece se dar num processo de socialização sexual, no qual meninos e meninas, de maneira diferenciada, vão se apropriando desse universo do sexo, ainda bastante marcado pela vergonha, pelo silenciamento, pela malícia, pelo ocultamento, por discursos que criam e divulgam suas verdades. Essa gama de mitos, tabus e preconceitos podem impedir a adoção do sexo seguro. (RIBEIRO E CARRADORE, 2006, p.91).

Observa-se que os mitos sexuais em si, estão cobertos de representações que se encontram revestidas de poderes e normatizações. No entanto, todos os saberes são representações interligadas ao objeto do qual se fala. Contudo todas essas representações, de alguma maneira interferem na vida, no modo como as pessoas estabelecem suas relações sociais.

Pensa-se que existem efeitos de tais representações que são consideradas mitos sexuais, quando, por exemplo, acredita-se numa moral, que é considerada a força que normatiza as instituições em uma determinada sociedade, num contexto histórico peculiar cultural. Esta norma regulamentadora pode tornar-se objeto de censura, proibição, preconceito e até mesmo de interdição social, podendo assim transformar-se em tabu.

A partir dos mitos, crenças e tabus criados pelas pessoas em torno da sexualidade podemos assim contribuir no sentido de caminhar para a (des)construção e/ou para uma re-construção de uma sociedade mais justa se tornando assim igualitários.

Quando se proporcionam espaços educativos, com uma metodologia democrática, propicia-se uma (des)construção de diversas representações. E ao se criar momentos de problematizações de caráter político, histórico e tangencial acerca de sua construção, pode-se assim modificar a postura do jovem frente à sua sexualidade. No entanto foi formado um grupo de Orientação Sexual no Centro de Referência de Assistência Social que trabalhou com ações referentes à Educação

Sexual através de grupos temáticos, criando campos de batalha e locais de conflito, que por muitas vezes se encontram arraigadas no saber hegemônico, como também prevalece saberes excluídos e até pode ser hierarquicamente desvalorizado no âmbito social.

“Desconstruir, portanto, é promover o conflito de representações.” (FURLANI, 2006, p.117).

GRUPO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Em meados de junho de 2008, formou-se um grupo de orientação sexual junto a jovens que são inseridos no Pró-jovem adolescente – Programa de iniciativa governamental, no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.

O público-alvo atendido no Pró-jovem adolescente e sucessivamente pelo Programa de Orientação Sexual é de jovens que apresentam algum tipo de vulnerabilidade social e que tenham entre 15 e 17 anos incompletos, cujo suas famílias são beneficiárias do Programa Bolsa Família.

O grupo funcionou uma vez por semana com a carga horária de três horas semanais, no qual foram selecionados quatro encontros para fazer parte deste trabalho de conclusão de curso.

Os temas a serem trabalhados foram elencados de acordo com as necessidades observadas pela orientadora do grupo e os outros temas foram escolhidos pelo próprio grupo.

No primeiro encontro foi feita uma dinâmica de apresentação encadeada, formando-se um círculo no qual cada integrante do grupo falou o seu nome e o que mais gostava de fazer e o que menos gostava e o grupo tinha que ficar atento porque o colega que estava ao seu lado teria de lembrar o que o seu colega gostava e o que menos gostava, para depois se apresentar. Este foi um momento do grupo se conhecer. E posteriormente a este primeiro encontro foi aplicado um questionário para verificar o nível de compreensão que os mesmos haviam recebido de orientações sexuais e como tinham recebido tais orientações.

Ainda no primeiro encontro, o grupo se encontrava num momento de estar se conhecendo e verificou-se que existiam neste momento de compreensão do grupo tabus, mitos, preconceitos na construção de suas sexualidades.

No segundo encontro foi um processo no qual eles teriam que colocar as suas dúvidas relacionadas a orientações que receberam na formação de sua sexualidade. Neste segundo encontro buscou-se encontrar significados através do protagonismo do grupo. No entanto pegaram-se algumas falas construídas ao longo do desenvolvimento sócio-cultural em torno da sexualidade destes jovens e por meio destas falas percebeu-se uma relevância inseri-las neste trabalho com fins de se obter maiores ilustrações. A partir dos questionamentos dos jovens as suas falas eram permeadas de mitos, crenças errôneas em torno da sexualidade. Os questionamentos surgem então num momento de uma conversa descontraída onde cada participante poderia expor as suas dúvidas e/ou dar a sua contribuição para o grupo.

Na medida em que os encontros foram ocorrendo foi observada uma maturidade acerca dos conceitos sobre a sexualidade destes jovens.

No terceiro encontro, foram trabalhados os tipos de amor existente, pois se percebeu um interesse do grupo em falar de amor e paixões que eles estavam tendo neste momento no qual estão vivendo. Esta atividade teve como objetivo esclarecer os três tipos de amor existente que são: o amor romântico, o amor altruísta e o amor biológico.

No momento seguinte foi pedido para que o grupo se dividisse em três subgrupos e foram sorteados os três tipos de amor, no qual cada grupo pegou um papel sorteado e o grupo teria que discutir sobre os tipos de amor existentes. Esta dinâmica foi bem aceita pelo grupo, que se disponibilizou em estar discutindo os tipos de amor.

No final eles teriam que eleger um integrante do grupo para falar sobre o tema sorteado. Houve uma dificuldade em interpretar os tipos de amores existentes.

Um determinado grupo confundiu o amor biológico achando que era o amor que era passado de pai para filho, porém foi esclarecido que se estava falando de amor relacional.

E outro grupo não sabia o que era amor altruísta, e no final foi fomentada uma discussão no sentido de estar esclarecendo o que era esse tipo de amor. Foi dito que o amor altruísta era considerado o amor fraternal, amor de pais e irmãos.

Nesta atividade todos tiveram uma boa participação e por fim foi feita uma viagem fantasia para que eles pudessem perceber o seu corpo, foi colocada uma música de fundo para que eles pudessem se sentir a vontade e participar da atividade proposta.

Esta parte do segundo encontro foi muito proveitosa para que eles pudessem se perceber, perceber os seus pares através das transformações em seu corpo.

Enfim, o grupo pode refletir também as perdas que tiveram quando passaram para a adolescência. E a partir desta viagem fantasia puderam notar as suas modificações corporais, físicas e psíquicas.

No quarto e último encontro que foi escolhido para ser retratado neste trabalho, aplicou-se uma atividade voltada para a arte musical. Foi pedido para que eles se dividissem em grupos de três pessoas e fizessem uma paródia que retratasse a orientação sexual introjetada por eles até a presente data e a partir de então escolhesse uma música na qual o grupo se identificasse.

A representação desta atividade foi por meio de papel e caneta, onde eles escreveram a música e depois fizeram a paródia. Posteriormente eles criaram uma melodia para a paródia semelhante à música de origem. A melodia de cada música foi acompanhada por um violão trazido ao grupo.

Esta atividade proporcionou a modificação subjetiva nos jovens que se pode notar que houve uma apropriação das orientações sexuais efetuadas a partir dos grupos por meio da introjeção de maneiras saudáveis de estarem vivenciando sua sexualidade.

As reflexões em si visaram à compreensão, pelos jovens, do processo social no qual a sexualidade toma forma e constrói suas significações sociais e sentidos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta proposta de trabalho, observou-se que o exercício da sexualidade entre os povos vem se transformando a cada dia. Observou-se que a fala dos adolescentes no início do trabalho em grupo era permeada de tabus, mitos e preconceitos. Na medida em que os encontros de sexo foram sendo introjetados na fala destes jovens, notou-se uma quebra de paradigmas em torno do sexo e passou-se a ter uma fala voltada para a prevenção e o cuidado em torno da sexualidade.

Percebe-se que no início, o grupo apresentava diversas dúvidas e por haver repressões ao redor no sexo, não se falava, havia um silenciamento, no qual os participantes do grupo não tinham uma abertura para estar falando de sexo como algo natural com as pessoas com as quais convivem tais como pai, mãe, professores e orientadora pedagógica. As dúvidas levantadas por eles no começo das atividades no grupo eram sanadas com conversas informais com os próprios amigos que também não tinham uma construção do conhecimento da sexualidade de maneira benéfica.

Muito embora, eles no início tiveram muita resistência em trabalhar com o assunto, aos poucos foi se notando uma integração entre os participantes que quando era colocado algum exercício tal como o da dramatização, os mesmos se dispuseram a participar e a escolher técnicas saudáveis de prevenção contra Doenças Sexualmente Transmissíveis e a gravidez indesejada.

Notou-se que hoje está se vivenciando um período histórico no qual se fala muito de sexo, porém não se faz a utilização de abordagens saudáveis em sua prática.

Ainda existe preconceito e muitos mitos na fala dos adolescentes. A repressão permeada na sociedade em que se está inserido se encontra arraigada nas representações que as pessoas em geral têm da sexualidade.

Ao se reportar a (des)construção de modelos e práticas incorretas tais como crenças sobre o uso do preservativo, que “a sensação de prazer não é a mesma, ou “é a mesma coisa que chupar bala com papel”. Quando esta fala é apresentada precisa-se ater a ela e através desta, perceber que foi socialmente e historicamente construída, que tem um significado, e a partir daí criar propostas de mostrar o seu contrário (antítese), e posteriormente a isto, acredita-se numa nova maneira de se comportar

frente à sexualidade, que através do contraditório que eles acreditavam é relevante se mostrar a eles que tem como haver uma re-construção de seus saberes acerca da sexualidade, para daí então se obter uma síntese do conhecimento.

Portanto, esta prática do sexo saudável/seguro é algo que se conquista diariamente, gradativamente. Pois, afinal, a sexualidade tem de ser compreendida e colocada em prática a partir de sua construção cultural e inserida numa sociedade que carrega consigo toda uma historicidade sexual que somente através dos tempos vem se modificando.

Contudo, a proposta deste trabalho foi atingida, pois os grupos temáticos se formaram com a estratégia de articulações de técnicas para um novo exercício da sexualidade de cada adolescente de modo saudável e a partir desta busca por práticas sexuais positivas eles puderam fazer escolhas de parceria saudáveis, multiplicando assim o seu saber.

Enfim, sair do âmbito individual da sexualidade para colocá-la, nas suas formas singulares, no contexto sócio-cultural, tomando-a na sua historicidade, é construir uma orientação sexual em uma perspectiva crítica. É permitir que o jovem perceba “sua” sexualidade a partir da história de sua vida e da vida de seu grupo social, assim como na história social da sexualidade humana.

REFERÊNCIAS

- ARIES, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BOARINI, M. L. (2004). O ensino da sexualidade e a (des)informação do Adolescente Contemporâneo. In: RIBEIRO, P. R. M. (org). *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias* São Paulo: Arte & Ciência, pp. 181-202.
- BRAGA, E. R. M, YASLLE, E. G. (2006) O Desenvolvimento da Sexualidade. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (orgs). *Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão*. (pp. 111-139). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- DIMENSTEIN, G. & LAMBERT, P. (1998). Sexo, aborto e aids explodem entre jovens. *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano. 3/5/1998. cad. 3 p. 1.
- DONINI, A.; ADRIÃO, M. (2007). *Diretrizes para implementação do projeto*. Saúde e Prevenção nas escolas, Brasília.
- Dossiê Adolescentes. Adolescentes, saúde sexual, saúde reprodutiva. Disponível em: <http://www.redesaude.org.br/index2.htm> (acesso em 01/07/2008).

- FOUCAULT, M. (1988) *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro.
- FURLANI, J. (2006) Mitos e tabus sexuais – representação e desconstrução no contexto da educação sexual. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (orgs). *Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão*. (pp. 173-195) São Paulo: Cultura Acadêmica.
- JEOLÁS, L. S. (2006) Juventude, Sexualidade e AIDS: Aspectos simbólicos da percepção do risco e da vulnerabilidade. Em FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (orgs). *Adolescência em questão: Estudos sobre sexualidade*. (pp. 129-157). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- PAIVA, V. (2000) *Fazendo arte com a camisinha*. São Paulo: Summus.
- RIBEIRO, P. R. M.; CARRADORE, V. M. (2006). Aids, sexualidade e prevenção no espaço escolar: algumas reflexões. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (orgs). *Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão*. (pp. 89-110). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. (2000). *A educação sexual pede espaço. Novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Ômega Editora.
- TERTO Jr, V. (1992) Sexo Seguro. In: PAIVA, V. & ALONSO, L. *Em Tempos De Aids*. São Paulo: Summus.
- TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. (2003) *Sexualidade de Jovens em tempo de Aids*. Campinas: Átomo.
- USSEL, J. V. (1980). *Repressão Sexual*. Rio de Janeiro: Campus.
- VITIELLO, N. *Manual de Dinâmicas de Grupo*. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana- Persona Centro de Estudos em Comportamento Humano.